

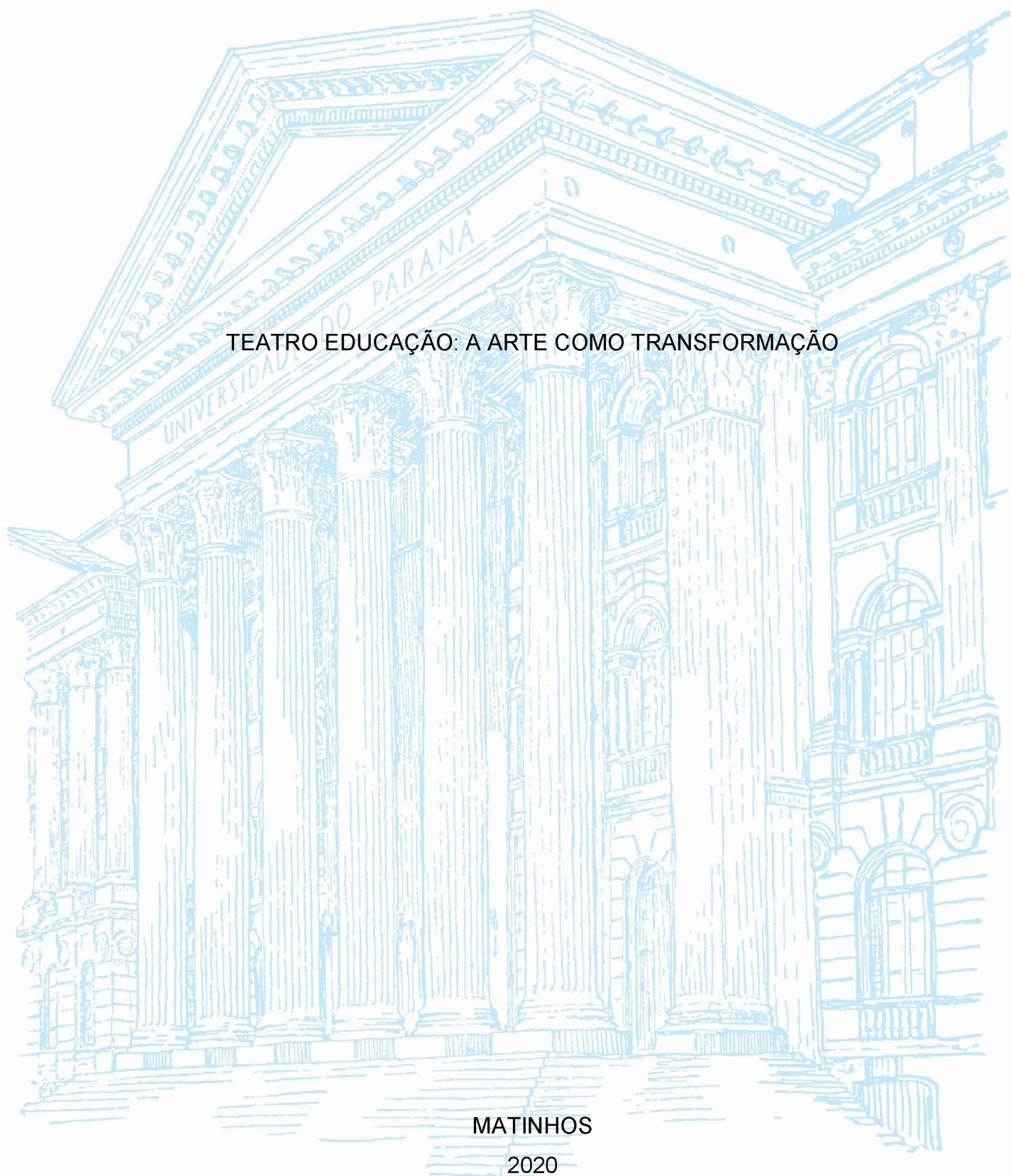
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCILENE DA SILVA

TEATRO EDUCAÇÃO: A ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO

MATINHOS

2020



MARCILENE DA SILVA

## TEATRO EDUCAÇÃO: A ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2020



Dedico este trabalho aos meus filhos. O pequeno Valentin da Silva Horn e meu primogênito Kauê Santilli dos Santos que me ensinaram e me ensinam mais do que qualquer teoria formulada sobre educação e sobre humanidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha Mãe, Maria Modesto da Silva pelo apoio de toda uma vida. Principalmente quando da inscrição deste curso. A Bernadete Brandão, Mestra incansável, que com paciência infinita traz mais lucidez ao mundo. Agradeço a TODES educadores da ANE pela incrível experiência vivida, mostrando na prática o que muitos só carregam na teoria. Despertando e re-descobrimo consciências com propósito e compromisso, me inspirando a seguir em frente em dias difíceis e sombrios. Em especial a Susan Cavallet por sua visão humana e amorosa, que busco espelhar-me como Educadora. Agradeço infinitamente aos meus alunos de ontem e de hoje. Pois neles está a razão de todo este trabalho.

*“Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações. Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar.” (SPOLIN, Viola 1963, p.03)*

## RESUMO

Este trabalho aborda as reflexões, entrelaçamentos e vivências empíricas com o teatro, como agente transformador e necessário, fazendo coro a uma proposta educacional contra hegemônica, pautada na convivência, no afeto, na liberdade do ser e de ser. Juntamente a um breve relato pessoal/profissional, sobre a trajetória teatral desta autora e o conseqüente caminho na arte-educação. Trazendo ainda o Budismo Tibetano e sua sabedoria na perspectiva da Educação, que traz noções ligadas ao mundo interno e à autonomia. Busca mostrar a relevância e urgência de uma educação emancipatória, voltada para a compreensão do humano e o autoconhecimento. Narra ainda às importantes confluências vividas em todo o processo deste curso e os impactos causados em sua autora por uma proposta alternativa e inovadora. Ao final, conclui que não se acabou. Foi só uma etapa. E que a partir de tantos descortinamentos, há um longo caminho a se trilhar. A aprendizagem é contínua entre muitos e entre si. Na convivência e no devir.

Palavras-chave: Teatro. Arte-Educação. Budismo. Transformação. Mundo Interno.

## RESUMEN

Este trabajo aborda las reflexiones, entrelazamientos y experiencias empíricas con el teatro, como agente transformador y necesario, en coro de una propuesta educativa contra la hegemonía, basada en la convivencia, el afecto, la libertad de ser y de ser. Junto con una breve descripción personal / profesional de la trayectoria teatral de este autor y el camino consecuente en la educación artística, también trae la sabiduría budista desde la perspectiva de la educación, con nociones relacionadas con el mundo interno y la autonomía. Busca a mostrar la importancia y la urgencia de una educación emancipatorio , centrado en la comprensión del ser humano y lo auto- conocimiento. También narra las importantes confluencias experimentadas en todo el proceso de este curso y los impactos causados por su autor para una propuesta alternativa e innovadora. Al final, concluye que no ha terminado. Fue solo un paso. Y que desde tantas aperturas, hay un largo camino por recorrer. El aprendizaje es continuo entre muchos y entre sí. En convivencia y devenir.

Palabras clave: Teatro. Educación Artística. Budismo . Transformación. Mundo Interior.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- RODA GIGANTE .....	22
FIGURA 2- TECENDO SABERE.....	23
FIGURA 3- SANGA DO PEQUENO BUDA 1 .....	25
FIGURA 4- SANGA DO PEQUENO BUDA 2.....	25
FIGURA 5- SANGA DO PEQUENO BUDA 3.....	25
FIGURA 6- PROJETO GAROTO CIDADÃO 1 .....	27
FIGURA 7- PROJETO GAROTO CIDADÃO 2.....	27
FIGURA 8 - UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 1.....	30
FIGURA 9 - UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 2.....	31
FIGURA 10- CONHECENDO UM TEATRO.....	31
FIGURA 11- PEÇA CONTOS NA CAPELA SANTA MARIA .....	32
FIGURA 12- ESPETÁCULO IN-PULSO 1.....	33
FIGURA 13-ESPETÁCULO IN-PULSO 2.....	33
FIGURA 14- ESPETÁCULO IN-PULSO 3.....	33
FIGURA 15- DIVULGAÇÃO DA PEÇA PGC.....	36
FIGURA 16- PEÇA UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 3.....	37
FIGURA 17- PEÇA IN-PULSO- DEZEMBRO 2019.....	37
FIGURA 18- DIVULGAÇÃO SANGUINHA.....	37
FIGURA 19- CONVITE ESTRANGEIRAS.....	38
FIGURA 20- PEÇA ESTRANGEIRAS.....	38
FIGURA 21- BATE-PAPO APÓS ESPETÁCULO ESTRANGEIRAS 1 .....	38
FIGURA 22- BATE-PAPO APÓS ESPETÁCULO ESTRANGEIRAS 2 .....	39
FIGURA 23- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 1.....	40
FIGURA 24- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 2.....	40
FIGURA 25- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 3.....	40
FIGURA 26- OFICINA DE TEATRO NO ACAMPAMENTO LUTZBERG .....	41
FIGURA 27- RODA GIGANTE EM HELIÓPOLIS 2018.....	43
FIGURA 28- A NAVE ANE- SETEMBRO 2018 .....	43
FIGURA 29- SÍTIO JUQUITIBA- SETEMBRO 2018 A.....	44
FIGURA 30- SÍTIO JUQUITIBA- SETEMBRO 2018 B .....	44
FIGURA 31- SEMINÁRIO HELIÓPOLIS 2019- INTERTERRITORIALIDADES.....	45
FIGURA 32- SEMINÁRIO HELIÓPOLIS 2019- EU E CLEIDE DA UNAS. INSPIRAÇÃO .....	46

FIGURA 33- ANEANDO EM CAMPO LARGO .....	46
FIGURA 34- RODA EM CAMPO LARGO .....	47
FIGURA 35- ANE EM CAMPO LARGO .....	47
FIGURA 36- PRESENTES DE CAMPO LARGO .....	47
FIGURA 37- ILHA DA COTINGA .....	49
FIGURA 38- INDÍGENAS DA COTINGA.....	49
FIGURA 39- RODA DE MULHERES NA COTINGA .....	49
FIGURA 40- ANEANAS NA COTINGA.....	50
FIGURA 41- ENTRE AS MULHERES DO MST .....	50
FIGURA 42- POEMA E MÍTICA NO MST .....	51
FIGURA 43- ABERTURA DA IV CONANE CAIÇARA A .....	53
FIGURA 44- ABERTURA DA IV CONANE CAIÇARA B .....	53
FIGURA 45- PERFORMANCE: CARITAS SAPIENTIS NA CONANE .....	53
FIGURA 46- DIVERSIDADE E MULTIPLICIDADE NA IV CONANE CAIÇARA .....	54

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>RELATO DA EXPERIÊNCIA: ENTRETECENDO SABERES .....</b>	<b>20</b>
3.1	TEATRO EDUCAÇÃO - UM PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO.....	23
3.2	AÇÕES ANE- DO INDIVIDUAL AO COLETIVO.....	36
3.3	VIAGENS COM A ANE.....	41
3.4	IV CONANE CAIÇARA.....	51
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O **TEATRO** é uma arte transformadora por excelência. O simples contato com seu universo trazem inúmeros benefícios para quem o usufrui: integração pessoal, expressividade corporal e vocal, ampliação da percepção estética e sensorial e, sobretudo a noção de alteridade. Eu consigo me colocar no lugar do outro e, a partir dessa minha expansão, consigo ter outro olhar sobre o mundo. Nas palavras de Maria Lúcia Pupo.

Teatro é uma arte que me permite conhecer melhor o mundo, já que ela me possibilita sair de mim e ver o ponto de vista do outro. Na medida em que a ficção passa pelo corpo de quem a vive, por todo o dispositivo intelectual e sensorial que temos dentro de nós. (...) O grande poder do teatro, por sua vez, está no fato de que é só dentro dele que eu tenho condição de, corporalmente, assumir um mundo fictício. É só no teatro que eu tenho a possibilidade de emprestar o meu corpo para tornar presente, diante de outros, um ser ausente. (PUPO, 2010, p.13)

Estes são alguns dos aspectos inerentes ao Teatro e que muito contribuem no desenvolvimento do ser humano independente da fase em que se encontra, seja na infância, adolescência, juventude ou fase adulta. Quer este tenha interesse em seguir uma carreira profissional como ator/atriz ou não.

No entanto, é só em um espaço livre que o teatro e a arte podem acontecer. Trabalhando o respeito às diferenças, criando situações de liberdade para uma ação criadora e intuitiva sem autoritarismo ou julgamento. Se o ambiente permitir, ampliamos nossa capacidade de experienciar. De acordo com SPOLIN (1963, p.03) “Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo”.

Mesmo relevante, o teatro tem pouca representatividade nos espaços educativos formais. Apesar dos significativos avanços históricos das artes na educação, este ainda ocupa muitas vezes um lugar de complemento, servindo outras áreas do conhecimento, ou em atividades extracurriculares. Tendo a área das Artes Visuais em lugar de destaque na grande maioria de escolas brasileiras.

Vários estudiosos do teatro, ao abordarem o tema teatro-educação ou pedagogia teatral salientam os impactos que esta arte exerce na vida dos indivíduos,

mas não sem reivindicar seu lugar autônomo, de arte essencialista.<sup>1</sup> Desvinculando de contextos, demonstrando que seu valor educacional “reside na sua natureza intrínseca, sem precisar de outras justificativas”. Provando sua potencialidade no desenvolvimento intelectual, social e afetivo. E conforme Belynki (2006, p.10) “A arte é um meio para a liberdade, o processo de liberação da mente humana, que é o objetivo real e último de toda educação”. E Maria Lucia complementa.

A escola é o coração do projeto democrático, e, se estamos aqui hoje, é porque acreditamos nesse projeto. Assim, na medida em que ela é a instituição por excelência pela qual passam – ou deveriam passar – todas as crianças e jovens brasileiros, vemos o quanto é relevante que o ensino teatral não fique restrito às iniciativas extracurriculares, às ações culturais, de educação informal e assim por diante. (PUPO, 2010, p.13)

Para tanto, este trabalho aborda as reflexões, entrelaçamentos e vivências empíricas com o teatro, como agente transformador e necessário, fazendo coro a uma proposta educacional contra hegemônica, pautada na convivência, no afeto, na liberdade do ser e de ser. Que tem no seu processo a troca e aceitação do outro. Aquela que utiliza como prática pedagógica diferentes formas de pensar, sentir, agir, relacionar-se e de viver estas aprendizagens. Que busca mais a humanização em detrimento da competitividade.

Juntamente a estas reflexões, discorro brevemente sobre minha trajetória teatral e o conseqüente caminho na arte-educação. Revelando minha transformação ao reconhecer o quanto fui afetada por uma educação hegemônica, imposta, conteúdista e sem espaço para o pensar. Coloco também meu envolvimento com o Budismo e sua sabedoria na perspectiva da Educação, que traz noções ligadas ao mundo interno e à autonomia.

Este breve relato se propõe, sobretudo, a mostrar a relevância e urgência de uma educação emancipadora, dado os impactos causados em sua autora, durante este curso de pós-graduação que podemos dizer realmente alternativo e inovador. E acredita no Teatro como uma grande ferramenta para essa transformação.

---

<sup>1</sup> Segundo Eisner (1972 citado por Koudela, 2006) em oposição a abordagem “contextualista”, na justificativa do ensino das artes, opõe a abordagem “essencialista” da educação artística, que considera que a arte tem uma contribuição única a dar para a experiência e a cultura humanas, diferenciando-a de outros campos de estudo. Segundo os essencialistas a arte não necessita de argumentos que justifiquem a sua presença no currículo escolar, nem de métodos de ensino estranhos à sua natureza intrínseca.

## 2 MEMÓRIA DE VIDA

Nasci no interior do Paraná, em Jacarezinho. Cidade divisa com Ourinhos – SP. O que explica certo estranhamento de minha parte, com alguns costumes ditos do SUL perante o resto do país, ao qual definitivamente não me identifico. Sinto-me mais paulista do que paranaense. Mas não nego a grande influência da terra do pinhão em minha vida. Sexta filha de oito irmãos vivi em Jacarezinho até os 15 anos, quando em função da metade da família estar estudando em Curitiba meus pais decidiram que viéssemos todos pra capital. Não achei graça nenhuma. Em plena adolescência com a maioria dos meus amigos em Jacaré — maneira como falamos de modo afetivo de nossa cidade — sofri um pouco com essa transição, até estabelecer novos vínculos afetivos e ir se acostumando.

Em Curitiba, terminei o Ensino Médio, tendo sido desde sempre aluna aplicada, ficando em recuperação somente no 2º ano do Ensino Médio. O que me rendeu uma dor de cabeça, pois a matéria era Química e além de não gostar e não entender nada, o Professor era péssimo. Hoje posso dizer com propriedade... Tive sorte de me adequar ao sistema educacional, por ser uma aluna “obediente”, e gostar de estudar. Apesar de não entender porque estudava certas coisas. Mas não sabia questionar. Hoje, compreendo que por um padrão familiar de educação, fui por muito tempo, um ser ao mesmo tempo extrovertido e silencioso para opinar. Não expunha minhas idéias ou dúvidas. Quanta coisa tinha na cabeça e não ousava falar... Sempre fui uma filha compreensiva e obediente também. Um pouco da “perfeitinha”. O que gerou incômodo nos familiares quando comecei a mudar e ganhar o rótulo de rebelde. Como podia ser? Uma menina tão querida...

Em 1990 prestei meu primeiro vestibular para jornalismo. Na certeza de que não passaria, e não passei. Mas tinha uma clareza quanto à escolha da área da comunicação e humanas. Não me via em qualquer outra e sequer pensava nas artes. Vinda dessa família simples em que os pais trabalhavam duro para dar o que comer aos filhos e os estudos seria a herança, sem espaços para o que era considerado luxo ou impróprio, minha relação com arte era através da TV com filmes e música que sempre amei e o cinema da cidade. Olhando pra trás, vejo minha família como representante de tantas outras... Pai e Mãe com pouco estudo, vindos da zona rural, regida pelos valores católicos e morais, que haviam batalhado muito para construir a casa própria, lutando para criar os filhos, com pouca consciência

crítica ou política, mas ainda assim cheios de amor e cuidado para com os rebentos e solidariedade com os excluídos do mundo.

No primeiro ano da minha vida que fiquei sem estudar, foi bem esquisito. Senti-me perdida. Mas deu tempo pra conhecer o primeiro namorado “sério” e ser matriculada num curso de modelo pela minha Mãe. No qual entrei a contragosto. E também não sei porquê entrei. Talvez vaidade adolescente. Mas como os caminhos são surpreendentes, ali tive meu primeiro contato com o Teatro. E foi tão apaixonante que ali mesmo tomei todas as informações, e segui direto pra um curso de iniciação teatral com a mesma Professora incrível que me incentivou, do curso de modelo. Ela também me passou tudo sobre a faculdade de Artes Cênicas da PUC, única na época em Curitiba. Como funcionava, o que eu encontraria, quais os passos a seguir... E em 1992 eu ingressava no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas. Lembro de pensar que quatro anos era muito... E agora já vou para 25 anos de formada.

Dou uma respirada aqui, reconhecendo quanta coisa já fiz depois disso... Tenho uma longa trajetória bem vivida. Escorpiana, faço jus à fama da intensidade dos regidos por esse signo. Na dor, na alegria, na tristeza, nos afetos... Mas sempre me lembro da música de Caetano Veloso: *“Respeito muito minhas lágrimas, mas muito mais minhas risadas.”* Logo no primeiro ano da faculdade, entrei para um grupo de Teatro formado por ex- integrantes do grupo do SESC da Esquina, dirigido justamente por aquela Professora do curso de modelo. A Sabrina Rosa. Ela engravidou e não pode mais dirigir o grupo. Eles se articularam e formaram outro me convidando. Este momento foi, sem dúvida, um divisor de águas na minha vida.

No PROJETO EXPERIMENTAL RESISTÊNCIA, aprendi muito. Bem mais que na faculdade que tive que driblar as faltas nos finais de semestre. Este grupo se tornou minha vida. Mantinha-me financeiramente com trabalhos temporários fazendo promoções, eventos e fazendo demonstração em mercados ou outros estabelecimentos. Foi uma fase de muita arte, amor e descobertas. A cabeça foi expandindo e só pensava em teatro. Levantávamos produção sem verba, fazendo pedágios na Rua Vicente Machado, oferecendo poesias impressas com a justificativa da montagem de um espetáculo. Foram vários pedágios e ações para promover e arrecadar fundos. Respirávamos arte e poesia.

Particpei de duas montagens enquanto estive no grupo. Realizando muitos estudos e pesquisas. Aí, nesse mesmo período, aos 20 anos engravidei do meu

primeiro filho. Costumo dizer sem pudor, que fui atropelada pela maternidade. Afora o amor infinito que descobri ao dar a luz, foi uma fase que prefiro pular. Já passou, mas não gosto de lembrar. A garota do interior, de alma tranqüila, aprendeu o significado de relacionamento abusivo, solidão, desesperança e desequilíbrio.

Tendo que ficar de licença da faculdade e me afastar do grupo.

Felizmente, tudo é impermanência e tudo passa. Terceira nobre verdade do Budismo: *“Como todo sofrimento é construído, pode ser dissolvido. Ou seja, é possível sair da Roda da Vida. A experiência de prisão pode ser superada.”* Ainda que numa prisão estranha, consegui me formar, engatar trabalhos e me desenvolver como atriz profissional. Como senti uma lacuna nos estudos da faculdade, tanto pela gravidez como pela transição da PUC que passava o curso para a FAP, hoje na UNESPAR, fiz inscrição na minha primeira pós-graduação que era estritamente em Teatro na FAP. Foi um ganho realmente e estudei muitas coisas que não tinha estudado na faculdade. E em 2001 eu terminava minha especialização junto com minha difícil separação conjugal.

Uma nova fase se inicia. Sobretudo na arte educação. Eu que já havia dado aulas de teatro em escolas municipais e na Escola Cena Hum, hoje Academia Cena Hum em Curitiba, iniciei um ciclo de Oficinas de Teatro através da SEEC viajando por várias cidades do Paraná ministrando Oficinas de Iniciação Teatral. Foram diversas experiências e mais aprendizados. No plano pessoal uma luta para sobreviver sozinha com um filho, sem apoio financeiro. Entre um espetáculo e outro, uma gravação em publicidade e dando aulas, ia seguindo.

Como disse uma amiga atriz Pagu Leal, *“Ser atriz é viver entre o trono e a sarjeta e fazer disso poesia”*. Viver de teatro tem mais haver com coragem do que talento e vocação. Não tenho uma família rica, mas grande e batalhadora, que muito me apoiou. O que ajudou eu estar nesse caminho até hoje. Aliás, essa situação me motiva a sempre que tenho oportunidade, de esclarecer às pessoas sobre meu trabalho. Converso e explico didaticamente como se dá a profissão de uma atriz/ator. Pois no meu entendimento, o cerne dessa problemática está na desvalorização desse ofício artístico. Entre outras coisas, é claro... Mas, vamos em frente.

Além dos trabalhos que fazia, sempre estava em contato com algum núcleo ou coletivo de artistas fomentando alguma criação. Foram muitos encontros, reuniões, leituras, pesquisas. Muitos não culminaram em nenhum trabalho efetivo.

Tenho alguns projetos em pastas de computador. Outros, não fizeram mais sentido e deletei. Sempre havia um desejo de montar um espetáculo sem verba, juntando forças. Mas nessa fase, eu e a maioria de meus parceiros não tínhamos muito pra se dedicar e muitos boletos pra pagar. Eu busquei articular esse desejo de outras maneiras, através de editais de incentivo à cultura. Comecei a elaborar projetos, entender a dinâmica dos editais e leis de fomento. Nascia uma Produtora e um novo desejo de estudar. Agora sobre produção cultural.

Eis que me bati pesquisando um curso em Curitiba. Não havia. Só fora. Mesmo assim, elaborei diversos projetos para amigos e meus próprios. Chegando a produzir alguns. Mas havia uma questão burocrática que sempre foi um problema para mim. A necessidade de se ter uma empresa, um CNPJ. Mas isso ainda teria que esperar, pois engravidei de meu segundo filho. Já no segundo casamento, eu também dava aulas de teatro na FAS – CRAS como terceirizada. Cada dia da semana num bairro bem distante. Tatuquara, Caximba, Pinheirinho, Rio Bonito e Santa Rita. Esse trabalho me marcou profundamente. Ali conheci realmente, o que é vulnerabilidade social. O que é uma comunidade carente com todos os seus reflexos. Gosto de contar com alegria e carinho, que ali houve sementes. Uma aluna muito interessada, apenas com 14 anos, me perguntava tudo e eu fazia questão de lhe dar o que pedia. Acabou por seguir este caminho incerto e pedregoso, e hoje está formada em Teatro pela PUC.

Em 2010 eu pedia a conta desse trabalho, com um problema na pele que me atormentou e muito grávida. Essa segunda gravidez e o nascimento de meu pequeno Valentin mereciam bem um livro inteiro, tamanha a intensidade da experiência por estar sendo Mãe mais velha, mais experiente e com o outro filho adolescente. Mas só vou escrever que foi uma dádiva poder ter passado por uma gravidez em paz, cercada de amor e carinho, e com consciência e maturidade. Meu maior propósito era não repetir os mesmos erros que cometi com o primeiro filho. Consegui melhorar muito. Mas como estou em construção, ainda cometo erros.

Junto com Valentin veio a vontade de fazer mais coisas e crescer. Mudar de vida. Após a fase que o pequeno mais precisou de mim, iniciei a minha desejada pós-graduação em Gestão e Produção Cultural na TUIUTI e fundei minha companhia de teatro, a Crisálida Cia de Arte com CNPJ para concorrer em editais. Essa pós-graduação além de novos conhecimentos formais me deu novos parceiros e me levou para um estágio de nove dias com o ex-gestor e produtor de um dos

maiores e mais importantes grupos de teatro do Brasil: o Grupo Galpão de MG. E o gestor em questão trata-se de Romulo Avelar, autor do livro O Averso da Cena. Que de certa forma contribuiu muito para a profissionalização desse grande grupo. Foi um turismo educacional maravilhoso. Tenho muita gratidão pelo que aprendi nesse período.

Nesse período, de certa forma, com todos os percalços eu me sentia uma pessoa feliz e normal. Porque digo isso? Porque alguns anos depois iniciaria uma nova fase que já mostrava sinais nesse período e eu não dei a devida atenção. Meu filho mais velho, na adolescência, não se encaixava nos estudos, não conseguia se organizar, não tinha empatia nas situações da casa, vivia fora de casa. Oras no Avô paterno, oras na casa dos amigos. Não demonstrava qualquer interesse por uma faculdade ou coisa parecida. Tinha desejo de lutar e ser campeão, conforme afirmava, mas não conseguia treinar com seriedade e nem se fixava numa academia. Mas ok. Considerava que era um filho rebelde. Só uma fase.

Finalizei minha segunda pós-graduação com orgulho. Trabalhando como atriz e articulando ações para minha companhia, em 2013 voltei a dar aulas de teatro. Desta vez no Teatro Barracão Encena. Onde ministrei muitas aulas para crianças, adolescentes, jovens e adultos até 70 anos. Lá fiquei por três anos. Dirigindo uma média de três peças ao ano. Com uma boa estrutura para trabalho, pude desenvolver um pouco mais meu lado Professora/Diretora Artística. Aprofundei amizades e vi mais alunos que haviam iniciado aulas comigo seguir a carreira teatral profissionalmente. Além de ter o carro roubado na Rua Treze de Maio.

Sempre me considerei uma pessoa um pouco cética. Nunca me envolvi com religião a não ser na infância e início da adolescência em que era obrigada. Fiz catecismo e crisma na igreja católica. Cheguei a cantar na missa com grupo de jovens. Fui a Isabel numa encenação de Natal da igreja e minha irmã a Maria. E participei de diversas atividades para crianças e de festividades da igreja. Mas realmente aos 13, 14 anos já estava vergonhoso para os pais, ir à missa e ficar do lado de fora. Esperando acabar, conversando com os amigos e esperando outros saírem. Conforme minha Mãe afrouxava na exigência, eu afrouxava na penitência. Engraçado, não me lembro do meu Pai pegar no meu pé sobre isso... Só minha Mãe.

A alforria veio quando minha Mãe teve sérias complicações com as Freiras da Escola Técnica que minha irmã mais velha estudava em Curitiba. Uma decepção

sem fim pra minha Mãe que felizmente vinha abrindo os olhos em relação ao lado mais hipócrita e demagogo da religião. Por outro lado, eu que já não via muito sentido em tudo aquilo, fiquei com muito preconceito em relação às religiões. Com o primeiro filho ainda segui o rito do batismo, por um apego tradicional dos meus pais, mas o segundo filho não. Para desespero de minha Avozinha. Uma Senhora muito religiosa de 89 anos que ainda me questiona sobre essa situação, me alertando do perigo de não batizar uma criança.

Isto foi posto para falar de outro fato importante em minha vida: o engajamento no Budismo Tibetano. Havia lido muitos textos e alguns livros sobre a religião budista e apreciava de longe seu sistema. E em 2016, após já ter tentado me conectar com outras esferas espirituais mais alternativas, encontrei numa amiga budista a ponte para conhecer o CEBB- Centro de Estudos Budistas Bodisatva, que tem como Mestre e guia o Lama Padma Santem. Não imaginava que aos 43 anos meu coração sentiria um desejo profundo de seguir um caminho espiritual. Foi decisivo. Eu tinha uma certeza, se dali gostasse e me conectasse, eu ficaria. E fiquei. Novas mudanças profundas iniciaram em minha vida. Encontrei muitas respostas e muita coisa fez mais sentido. Inclusive modificando meu olhar preconceituoso para com as religiões de origem judaico-cristã.

Entre para um programa de estudos ali dentro com uma tutora e me ofereci para colaborar num projeto para crianças, a Sanga do Pequeno Buda, que tem como objetivo a prática da meditação e familiarização com o Dharma através de contação de histórias, brincadeiras, jogos e atividades artísticas e corporais. O programa das atividades é baseado nas Cinco Sabedorias Búdicas. Eixo principal para formulação de exemplos de situações no cotidiano, identificação de emoções e propostas de atividades que ampliem o olhar e gerem novas perspectivas e formas de ação no mundo. Não tem como meta “ensinar” Budismo, mas, através de exemplos busca que a própria criança localize a sabedoria em seu cotidiano.

Eu já estava bastante envolvida com atividades e práticas no CEBB quando minha tutora passou o contato de uma moça também praticante, que tinha interesse em participar da Sanguinha como colaboradora. Ela pediu pra que conversasse com ela e a acolhesse explicando o sistema. Essa moça à época grávida, era a querida Andressa Mathieu. Formada na primeira turma da ANE. Entre uma carona e outra e algumas conversas, ela me contou sobre uma pós-graduação muito especial que ela estava encerrando. Fiquei bem interessada, mas esqueci dessa conversa. Um dia

ela me envia o link avisando que estava aberta a inscrição desta mesma pós-graduação. A ANE. Lembro de ler e reler, pesquisar e buscar informações sobre a pós. Chamou-me a atenção o fato de não haver uma série de exigências para concorrer à vaga. Levei uns dias refletindo e voltando a reler.

Para além do envolvimento com o budismo, enfrentava na vida pessoal dois problemas bem sérios: relacionamento conjugal e aquele que considero o mais grave, meu filho mais velho manifestando problemas psiquiátricos. Toda a minha prática budista foi testada nesta fase. Senti-me como se o chão se abrisse e eu não conseguia parar de cair num abismo. Dois problemas pra lidar, sem trabalho, com um projeto de teatro em fase de captação, e uma sensação de culpa infinita por não ter dado a devida atenção anos atrás quando achava que só tinha um filho rebelde.

Entre um apoio e outro de amigas (os) que me são caros, ajuda da família, e outros seres solidários que apareceram no meu caminho, ia indo meio arrastada e anestesiada. Mas sem desistir. Nesta fase, eu dava aulas de teatro para mulheres em um espaço feminino, o BDNT, que oferecia a dança como empoderamento e terapia para mulheres. E decidi fazer minha inscrição na ANE. Sobretudo porque conforme estava evoluindo na área de teatro/educação, precisava me fortalecer neste aspecto. E ainda, buscava consolidar idéias para um projeto transformador envolvendo o teatro.

E neste panorama de vida, sem falar do momento de crise política que o Brasil atravessava, com muita alegria, vi meu nome na lista dos aprovados da ANE. Diante de um sentimento de derrota que vivia, o ingresso na ANE me deu forças e um pouco de esperança. Aquela do verbo “esperançar” de Paulo Freire. Emociono-me ao escrever isso... Fiquei tão feliz e grata. Quase não acreditando. Lembro de passar um e-mail para ter certeza se era eu mesma já que, meu nome estava escrito errado. E como acredito que “as gentes” só param de aprender quando morrem, iniciei uma bela e afetuosa etapa de minha vida no aprendizado com a ANE.

### **3 RELATO DA EXPERIÊNCIA: ENTRETECENDO SABERES**

A chegada na ANE foi uma inspiração. No primeiro grande círculo de encontro, a acolhida que considerei absolutamente diferenciada, já me ensinaram no seu formato que ali, se buscava viver conforme se propunha o projeto. Metade do período foi um exercício bem simples e necessário: ouvir. Regozijei-me por dentro e na minha apresentação lembro-me de soltar algo como: “Isso aqui existe”? E nas

primeiras falas de seu coordenador pedagógico, mais espanto: “Quem veio atrás de um certificado, aqui não é o lugar.” Este Coordenador, o Sr. Valdo Cavallet que carinhosamente o chamava de Professor, lhe contrariando um pouco. Anotei com cuidado os princípios do curso e todas as INTERs sugeridas.

Como resquício da educação hegemônica que vivi, uma vez que fui mais uma “ajustada” conforme Paulo Freire (1964), esperei um texto para trabalho e discussão. Tendo como parâmetro outras pós-graduações, não me dei conta de imediato que era isso mesmo. Se a proposta era SOLIDARIEDADE, AUTONOMIA e RESPONSABILIDADE, e tinha além de outros autores maravilhosos a premissa Freiriana, como poderiam os Educadores estar expondo algo de forma tradicional, conteudista, ou pontuando as exigências como requisito de aprovação? Eureka! Agora era comigo mesma e com todos os estudantes ali presentes.

Além dessa compreensão, foi crucial sentir na prática como eu responderia a esse “sistema”. E, se me considerava uma pessoa com visão mais holística do mundo, ali outras camadas foram descobertas. Como por exemplo, ter esta visão, mas estar ainda, esperando por ferramentas tradicionais. E ainda, por em prática a solidariedade, responsabilidade e autonomia. Já que em alguns momentos, me esquecia do respeito à caminhada de cada um e da diversidade, torcendo o nariz pra certas afirmações da roda e me revoltando com compreensões, no meu ponto de vista, atrasados.

Nos exercícios em pequenos grupos foram marcantes para eu melhorar esta situação acima citada e me aproximar de outros alunos. Ouvir as falas tão pessoais, tão honestas sobre pequenas angústias, e tantas questões limitadoras, já comecei a mudar. Foi bonito quando tive a oportunidade de estar em um projeto de uma amiga estudante, na qual havia trabalhado por duas vezes em círculo de estudos. Ela havia falado de seu projeto nas duas vezes, ouvi com atenção e realmente achava muito desafiador sua proposta. Mas estar lá, *in loco*, ver e ouvir o que estava fazendo, ganhou tanto sentido e minha admiração por ela aumentou. Além de ver modelos e formas que poderia emprestar e aplicar em meu trabalho.

Esse trabalho de se auto-analisar é difícil, mas importante para o crescimento. E uma questão me perseguiu: Porque demoramos tanto para colocar os discursos em prática? Compreendemos as teorias, mas não agimos na prática. Como se falar é uma coisa, e viver é diferente. Pensamento separado do fazer. Mas aí veio esse ensinamento: COMPREENDER, CONHECER, IDENTIFICAR-SE, AGIR.

Isso é processo. E quando tem processo o aprendizado tem seu tempo. E sentar em círculo é muito poderoso. Sempre trabalhei com meus alunos assim. Círculo circula, dá pra ver todos nos olhos, sentir o fluir das energias, é democrático e horizontal. E os círculos da ANE são lindos. Gigantes.

FIGURA 1- RODA GIGANTE



Fonte: Samyra Stephan - 2019

Neste sentido da investigação entre prática e teoria, mergulhei fundo. Aproveitando cada segundo pra observar a mim e outros educadores. Muito mais a mim, claro. Na esfera pessoal, mais próxima e intensa, a minha relação e desenvolvimento com meu filho de 8 anos. Na esfera do trabalho como Professora de Teatro, numa turma só com mulheres adultas, cautelosamente tentava ampliar mais o respeito pelo processo. E ainda, nas atividades com crianças de 6 a 12 anos, dentro do CEBB- Centro de Estudos Budistas Bodisatava. Lugar em que venho desenvolvendo junto com outros colaboradores, o trabalho para crianças na Sanga do Pequeno Buda.

Nestes campos, tentava aplicar todo o novo aprendizado que me vinha da ANE. E ia tecendo dentro de mim uma grande rede de informação e histórias de vida, que me ensinaram mais do que qualquer outro curso. O ofício de atriz traz um treino na leitura das pessoas, e a observação do mundo sempre me pertenceu. Mas na ANE um véu maior na minha percepção foi tirado. Juntamente com meus alunos, eu ia sendo aluna, vendo eles e a mim mesma. Como num espelho eles eram meu reflexo, e eu o deles. Percebendo e lidando com a autonomia e liberdade. ganhando mais consciência. Identifico-me com o trecho abaixo das palavras de Paulo Freire.

Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. Estava e está convencido o Autor de que a “elevação do pensamento” das massas, “o que se sói chamar apressadamente de politização”, a que se refere Fanon, em *Los Condenados de la Tierra*, e que constitui para ele uma forma de se “ser responsável nos países subdesenvolvidos”, começa exatamente por esta auto-reflexão. Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento conseqüente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras. (FREIRE, 1964, p. 36)

FIGURA 2- TECENDO SABERE



Fonte: Samyra Stephan – 2019

### 3.1 TEATRO EDUCAÇÃO – UM PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO

Compreendi logo a capacidade do teatro como potência transformadora e de autoconhecimento. Como atriz, e quando iniciei a trajetória como professora de teatro. E mais tarde, a importância da generosidade e comunhão para seu acontecimento. Tem muita coisa envolvida no fazer teatral, que são elaboradas e evocadas quando se vive essa experiência. Transitamos por outros campos que não só o do racional para sabê-lo. E, portanto, de grande valia para uma ação transformadora. Conforme Viola Spolin.

Quando a resposta a uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constrito, ela está realmente aberta para aprender. O intuitivo só pode responder no imediato — no aqui e agora. Ele gera suas dádivas no momento de espontaneidade, no momento quando estamos livres para atuar e inter-relacionar, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação. (SPOLIN, 1963, pg.4)

Para desenrolar sobre meu projeto de teatro-educação vale dar um espaço para explicar o trabalho que faço no CEBB, dado a importância e convergência com a ANE e também com o teatro. O CEBB é uma instituição budista, sem fins lucrativos, com diversas sedes no Brasil. Criada pelo mestre e guia Lama Padma Santem, e segue a tradição do Budismo Tibetano. Tendo como Mentor maior, Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche. (1930-2002), da linhagem Nyingma do Budismo Vajraiana.

Dentro do CEBB existe o ICM – Instituto Caminho do Meio. Braço social da entidade que tem como missão traduzir o legado vivo da filosofia budista, de forma não religiosa, para projetos na área social, educacional e ambiental. O instituto mantém três escolas com esses princípios, sendo uma delas a Escola Vila Verde em Alto Paraíso de Goiás, que é uma das 15 escolas brasileiras que recebeu o certificado de Escola transformadora do Instituto Ashoka, e está entre as escolas reconhecidas pelo MEC como inovadora e criativa. E o princípio do trabalho na Sanga do Pequeno Buda é o mesmo dessas Escolas do ICM. A saber, as cinco Sabedorias:

- Sabedoria do Espelho: reconhecer o outro, com suas diferenças, em seu próprio contexto, sem julgamentos;
- Sabedoria da Igualdade: interessar-se genuinamente pelo outro, promovendo suas qualidades, alegrando-se com a alegria, as conquistas e o crescimento do outro;
- Sabedoria Discriminativa: compreender e diagnosticar obstáculos, buscar estratégias, orientar e prescrever métodos;
- Sabedoria da Causalidade: relacionar as causas e consequências associadas (ações positivas geram efeitos positivos; ações negativas geram efeitos negativos), buscar promover ações que tragam benefícios e reduzir ações que tragam malefícios;
- Sabedoria da Liberação: reconhecer todas as possibilidades do outro. Dimensão livre e criativa diante das diversas situações. Olhar aberto e inovador. Ver o outro com liberdade.

Vale lembrar que no caso da Sanguinha, trabalhamos uma sabedoria a cada dois encontros, que são uma vez por mês, durante uma tarde. No entanto nossos estudos são semanais, contando sempre com nossa tutora.

FIGURA 3- SANGA DO PEQUENO BUDA 1

Fonte: arquivo CEBB - 2019

FIGURA 4- SANGA DO PEQUENO BUDA 2

Fonte: arquivo do CEBB – 2019

FIGURA 5- SANGA DO PEQUENO BUDA 3

Fonte: Arquivo CEBB -2019

Estas cinco sabedorias, de acordo com os mestres, precisam antes de tudo passar pelo educador. Passar “por dentro”. Ou seja, obter uma compreensão interna destas, para poder aplicar com os educandos. Nas palavras do Lama Padma

Santem (2001), reconhecer o “mundo interno” de si e de outro. Neste sentido, entendo que todas as propostas que defendem uma visão mais humanitária, fraterna e de autoconhecimento se conectam com esses ensinamentos. Que por sua vez também dialogam com a experiência do fazer teatral.

Sendo assim, quando ingressei na ANE, já estava em vias de realizar um projeto mais efetivo relacionado ao teatro, que perpassasse as cinco sabedorias búdicas, voltados para um público com mais vulnerabilidade social. Não que necessariamente seja somente para esse público. Podendo atender outros interessados. Mas o foco é sempre uma vivência transformadora. Com intuito de que os participantes pudessem acessar seus “mundos internos”. Trazendo mais humanização, compreensão de si. E conseqüentemente, gerando bem estar e contribuindo na construção da autonomia.

Na nossa cultura, em geral focamos nossa inteligência na ampliação de nossa capacidade de interferir nas circunstâncias externas, de forma a torná-la mais parecida com o que queremos e moldá-la de acordo com a nossa vontade. Existem, contudo, outros conjuntos de inteligência que atuam não tanto sobre o externo, mas sobre si mesmo. Essas inteligências dizem respeito a habilidades ancoradas no mundo interno, como resiliência, autonomia e, enfim, um amplo espectro de liberdades frente às circunstâncias externas. (SENA, 2018, não p.)

Nos primeiros encontros da ANE, houve muita angústia de minha parte por não conseguir visualizar o meu projeto, e divagar onde e como poderia aplicá-lo. Afinal, esta foi uma das únicas proposições cobrada aos estudantes da ANE. Desenvolver um projeto em sua comunidade. Dentro do CEBB havia a conexão com o ICM como um espaço em potencial para o desenvolvimento deste projeto, com uma nova sede sendo instituída em Curitiba, mas ainda estava em andamento. E mais a questão: como poderia realizar um projeto teatral na arte-educação inovador e transformador se a arte por si só traz isso no seu cerne? Como poderia ser um projeto teatral emancipatório? Essas perguntas vinham diante das questões provocadas aos alunos pelos educadores da ANE, que muito me mobilizaram.

Em detrimento da minha angústia, no início de 2019 fui contratada como professora de teatro na FCSN- Fundação CSN em Araucária dentro do Projeto Garoto Cidadão. Um projeto que tem como missão a transformação social através da arte e cultura. Proporcionando o desenvolvimento social, educacional e emocional de crianças e adolescentes entre 06 a 17 anos, em situação de vulnerabilidade social, que devem passar pelo CRAS para participar. O projeto

contempla aulas de dança, música, teatro e artes visuais. No Brasil cinco cidades sediam o projeto que é antigo e tem muita história de transformação. Atuei no Bairro Capela Velha, à época uma nova sede em parceria com a prefeitura de Araucária.

Não me dei conta na hora, mas ali pude por em prática meu projeto. Principalmente com as mesmas premissas afetivas tal qual era o meu desejo de realizar. Onde ouvi muitas vezes, “aqui fazemos questão do menino”. Declarando a importância dessas crianças antes de qualquer coisa. E também com alegria, já na entrevista soube da referência Freiriana usada no projeto. Claro que fui me adequando ao sistema, já que não deixa de ser uma instituição atendendo às demandas de uma grande empresa. Mas, até que alguém diga o contrário, fiz disso a execução do meu projeto tão questionado por mim na ANE. Essa foi a primeira resposta às minhas questões.

FIGURA 6- PROJETO GAROTO CIDADÃO 1



Fonte: a autora

FIGURA 7- PROJETO GAROTO CIDADÃO 2

Fonte: a autora -2019

Quanto à inovação na arte-educação, acredito hoje que tem muito mais haver com a forma com que se trabalha o processo. Ainda que, a arte seja libertária, podem-se desconstruir muitos métodos também passíveis de congelamento e equívocos da mesma natureza que o ensino tradicional. Rigor,

imposição, falta de liberdade do aprendiz, exclusão, roubo de autonomia do indivíduo, falta de empatia, má administração dos egos e até mesmo uma distorcida visão, no caso do teatro, sobre talento e exibicionismo. E ainda, a ausência da liberdade criativa.

Inovação aplicada ao universo teatral, imediatamente nos vêm ainda, o Teatro Contemporâneo. Este que, por sua vez, contempla o hibridismo de linguagens artísticas onde os conceitos de “obra aberta”, polissemia e fragmentação estão presentes. Onde o corpo tem mais espaço do que a palavra e vem produzir presenças em que o racional dá lugar ao momento sensível da experiência. A ele também se vincula a experimentação a partir de diversas tecnologias eletrônicas e midiáticas como meio de expansão e extrapolação do real, fugindo à narrativa aristotélica de começo, meio e fim.

Sendo assim, esta vertente do teatro nos ajuda a pensar na realização de trabalho com os alunos de forma mais livre e inovadora no sentido de construção coletiva. Repensando as formas tradicionais de criação e desenvolvimento de um espetáculo. Assim como a proposta de Paulo Freire nos alerta para uma mudança de paradigma, o teatro contemporâneo vem nos provocar para a mesma questão. E coloca em evidência seus participantes sem privilegiar apenas um ou outro.

De fevereiro a dezembro de 2019 desenvolvemos o trabalho. Realizamos dois espetáculos. E vimos com lágrimas nos olhos, meninas e meninos desabrocharem lindamente. Não sem muita investigação, pesquisa de seus modos de ser e revendo as estratégias usadas todo o tempo. Eram crianças e adolescentes que nunca tinham tido experiências artísticas. Outros sim, mas de modo superficial, sem muito exercício da criatividade. Logo, vinham com muito da noção da educação hegemônica. Deparei-me com a mesma situação que ouvi de diversos Professores: a falta de autonomia no pensar, no criar e no agir. Além disso, e talvez mais grave, a apatia de alguns alunos. Com olhares tão vazios e sem perspectiva. Muitos em situação de vida extrema, com histórico de abuso e violência doméstica.

Diante destes desafios, o primeiro passo foi realmente o acolhimento e reconhecimento desses alunos. Para em seguida iniciar uma desconstrução do entendimento desses alunos quanto ao processo de trabalho. Junto com a contenção da agressividade e desinteresse. Foram cinco meses para que se

sentissem a vontade, pra se colocarem e assim iniciar algo que partisse única e somente deles e de seus quereres.

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles (FREIRE, 1964 apud, JASPER)

Após a primeira mostra de processo, com o espetáculo *UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO*, em que escrevi o texto e dirigi cenicamente, junto com os trabalhos dos professores de dança e música, houve um florescer dos educandos. Tendo como eixo norteador, inovação e tecnologia para o planejamento anual, pude testar e por em prática muitos dos ensinamentos compartilhados por colegas e educadores da ANE, dentro da metodologia do meu trabalho proposto. Sem esquecer as cinco sabedorias. Mas estas, de forma não declaradas no planejamento escrito. Desafiei-me a esse tema correntemente. **INOVAÇÃO e TECNOLOGIA.**

O espetáculo foi nessa perspectiva, questionando sobre um tempo sem tantas tecnologias e um tempo com muita disponibilidade de informação, mas com a perda das convivências e dos afetos. Lancei a pergunta aos alunos, como seria se não tivéssemos luz elétrica? E foram surpreendentes as respostas que vieram. Propus de forma bem simples um retorno às cantigas de roda e brincadeiras tradicionais. Através de três crianças que viajavam no tempo.

As cantigas de roda e danças circulares já estavam na pauta do professor de dança e gerava muito contentamento. Na música, um lindo Rap foi criado pelos alunos com base nas conversas sobre a comunidade e injustiças sociais. Musicada pelos professores, tivemos uma versão emocionante. Abaixo a metodologia usada.

#### METODOLOGIA PARA AMBAS AS FAIXAS ETÁRIAS:

I- Jogos teatrais e jogos dramáticos: tem como princípio o jogo e sua potência da dinâmica lúdica, como capacidade de transformação. Através de processos que tragam à tona essa dimensão de transformação, de metáfora que o jogo acarreta, e que configuram o essencial do teatro. Permitem a inserção do aluno ao universo da linguagem teatral.

- Jogos sensoriais: *os sentidos e seu valor como instrumento, consciência sensorial e corporal;*

- Jogos de atenção e observação: *preparação para um estado de prontidão e alerta;*
- Jogos de imaginação: *tornar real o invisível, fisicalização de objetos;*

II- Improvisações: criação de cenas orientadas e com temas a partir do entendimento da estrutura da cena: QUEM, ONDE e O QUE de Viola Spolin. Instrumentalização inicial que possibilita sugestões de encaminhamento e criação de material para construção de esquetes teatrais.

III- Utilização da Estratégia do pacote de Estímulo Composto: técnica usada como pretexto para se entrar no mundo da ficção. Lida com elementos relacionados à história e suas narrativas. É uma seleção de objetos escolhidos a partir de um objetivo específico que pode ser a história de um povo ou algum assunto que se queira discutir através da dramatização.

IV- Rodas de conversas, oferta de livros pela instrutora e pelos alunos, apreciação de animações voltadas para o tema norteador, estímulo à escrita de cenas; abordagem dos elementos teatrais e linguagem técnica: Cenário, figurinos, sonoplastia, dramaturgia, texto, etc.

Os encontros eram realizados todas as segundas e terças-feiras, no turno da manhã e tarde, com duas turmas cada período. Tendo duração de 1:30h cada aula, para crianças e adolescentes. Sendo que na terça era aula conjunta com o professor de dança.

FIGURA 8 - UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 1



Fonte: prefeitura de Araucária-2019

FIGURA 9 - UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 2



Fonte: prefeitura de Araucária-2019

Uma vez realizado a introdução dos alunos neste universo, abriu-se um campo mais fértil e disponível para continuar o trabalho. Aproveitando todo o envolvimento e empatia gerada no processo, me permitiu buscar um refinamento e aprofundamento dos saberes adquiridos. Entendendo que, o exercício do fazer teatral é simples e profundo e requer um entendimento que passa pelo físico, intelectual e intuitivo. Conforme já dito acima.

Ainda com foco no Teatro Contemporâneo como composição estética e modelo de processo, busquei dar maior atenção ao espaço cênico e seus elementos, em ações com os alunos para reconhecimento *in loco* ao teatro. Alinhando o que vivenciaram e o que poderiam perceber em outros contextos. Melhorando assim, seu entendimento da estrutura e da linguagem teatral. Sendo assim foi proposta a apreciação do espetáculo, *Contos* da Cia Ilimitada na Capela Santa Maria em Curitiba.

FIGURA 10- CONHECENDO UM TEATRO



Fonte: a autora- 2019

FIGURA 11- PEÇA CONTOS NA CAPELA SANTA MARIA



Fonte: a autora- 2019

As potencialidades de cada aprendiz e seus saberes continuaram no foco das atividades, bem como o estímulo a reflexão do papel da tecnologia no seu cotidiano. Ao mesmo tempo, instigando-os a encontrar uma relação equilibrada entre essas ferramentas tecnológicas e o seu “mundo interno”. Buscando o olhar para si, o conhecimento de si, o “cuidado de si”.

Dando sequência ao trabalho, no segundo semestre trabalhamos o órgão coração e todos os seus significados. Como representante do espírito humano e pulsão de vida. Além de seu ritmo que alimenta as emoções. Discutimos sobre quão poderoso é o nosso corpo que detém a mais avançada das tecnologias. Trouxemos a profissão do perfusionista para mostrar o que é necessário para substituir o coração em caso de uma cirurgia em que este tem que parar. E uma pergunta simples foi feita a todos os alunos: o que acelera seu coração? E em contrapartida, o que acalma seu coração? E as respostas se tornaram a segunda apresentação do ano.

Investigando o coração como órgão e sentimento, brotaram coisas fantásticas na dança e na criação de cenas. Conduzindo os educandos a olharem tanto para a natureza maravilhosa dos nossos corpos, como para seus mundos internos. Onde como exercício foi sugerido que observassem mais atentamente como surgiam suas emoções. Independentes se eram negativas ou positivas. Trazendo relatos dos seus cotidianos. Na música entrou o ritmo poderoso dos povos africanos e a força da natureza. E assim nasceu nosso *IN – Pulso*.

FIGURA 12- ESPETÁCULO IN-PULSO 1



Fonte: arquivo PGC- 2019

FIGURA 13-ESPETÁCULO IN-PULSO 2



Fonte: arquivo PGC- 2019

FIGURA 14- ESPETÁCULO IN-PULSO 3



Fonte: arquivo PGC- 2019

O processo de construção do espetáculo foi estimulante. Haja vista que, uma vez conquistado os alunos e com a chegada de novos, seguimos os desafios normais e outros, mas com o envolvimento efetivo desses, com abertura e comprometimento. Passamos muitas aulas em rodas de conversas, rindo uns dos outros na investigação das emoções. Cada relato era um universo a ser explorado. Um depoimento de um, e imediatamente colocava os outros com muita necessidade de analisar e discutir. Chegando várias vezes a conclusão sobre a importância de dominarmos e compreendermos as emoções.

Conforme a conversa fluía, foram contestadas as motivações que levavam um ou outro a agir com raiva por exemplo. E essa situação foi de imensa valia. Foi gratificante ver aqueles adolescentes e até mesmo as crianças reconhecendo e aceitando suas emoções. Outros se perceberam como pouco reagentes. Outros se espelhando na história contada e vendo o outro ponto de vista. Como mediadora, buscava não interferir muito, deixando-os livres para não se sentirem julgados. Quando ficavam claros os afetos e desafetos, desafiava-os a colocarem em cena.

O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. Se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade (MATURANA, 2002, p. 18).

Com esse exercício eles ultrapassaram a visão da interpretação teatral gratuita. Reproduzida simplesmente e estereotipada. Compreenderam a necessidade de saber um pouco mais das emoções. Em si e no outro. E logo, como se inicia o trabalho de um ator. Entre o que acelera e acalma o coração, nasceram cenas de raiva, tristeza, desprezo, amizade, abraço de Mãe, chocolate quente, dança, silêncio, susto, medo, ansiedade e outras que estão nos seus cotidianos.

E nas aulas conjunta de dança as respostas se tornaram gestos, que se tornaram movimentos e que se transformaram em coreografia. Quanto mais liberdade, mais expressividade. E foi incrível! Eles, simplesmente nos deram todo o material. Apenas organizamos o que criaram. Mas não sem determinação e forte parceria entre todos os professores. Isso foi fundamental.

No dia seguinte à última apresentação no espaço do CRAS do CEU, nos encontramos para confraternizar e termos feedback dos alunos. Com uns mais tímidos, outros mais falantes, obtivemos muitas informações e percepções. E por fim o que ficou para eles da vivência no projeto em 2019. Agradecimentos, demonstrações de carinho e muito afeto nos deixaram de coração quentinho. Mas uma aluna em especial me tocou profundamente. Aluna com nome de cantora famosa da nova geração, revelando a idade dos pais. Com lágrimas nos olhos, genuinamente, sem conseguir falar e respirando fundo, revelou o quanto se sentia um ET no mundo antes de entrar no projeto. Que sofria bullying por ser mais gordinha que outras meninas. E ali, se sentiu acolhida e respeitada.

Importam-nos esses depoimentos não para nos vangloriar, mas para continuarmos acreditando num caminho que vai contra a corrente. E dizer que é disso que se trata meu projeto. De afeto no sentido de afetar o outro. Atravessá-lo. E no teatro isso é verdadeiramente possível. Em tempos de barbárie não nos esqueçamos da força maior: o amor. Sobretudo como Maturana nos coloca.

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo. Se vocês me perdoam direi que, infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social (MATURANA, 2002, p. 23)

Neste ano o projeto se encerra nesse espaço, para minha tristeza, dos pais e alunos. Por motivos políticos o PGC não estará mais no CEU do CRAS Califórnia. Os alunos foram convidados para estarem na outra sede, mas muitos não terão como se locomover até lá, por vários motivos. De qualquer maneira, vale frisar a importância da parceria entre instituição, comunidade e poder público para a continuidade de projetos sociais. Isso ficou ainda mais claro pra mim com essa vivência. Há que se ter muita articulação para poder desenvolver um projeto assim.

Em 2020 meu projeto continua. Com amadurecimento e novos desafios. No PGC e fora dele. Devo muito a FCSN e meus companheiros de trabalho. Pois a partir dessa experiência, pude por em prática meu projeto. O próximo passo é buscar parcerias pra realizar em outros espaços. Multiplicá-lo. Após um necessário



FIGURA 16- PEÇA UMA AVENTURA IMPOSSÍVEL NO TEMPO 3



FONTE: prefeitura de Araucária- 2019

FIGURA 17- PEÇA IN-PULSO- DEZEMBRO 2019



Fonte: Arquivo PGC- 2019

FIGURA 18- DIVULGAÇÃO SABGUINHA



**SANGA DO  
PEQUENO  
BUDA**



IDADE RECOMENDADA:  
DE 4 A 12 ANOS

---

**08.09.2019**  
15H30 ÀS 17H30

 **MEDITAÇÃO**  
 **ATIVIDADES**  
 **BRINCADEIRAS**

- CRIANÇAS DEVEM ESTAR ACOMPANHADAS PELOS RESPONSÁVEIS
- LEVAR UM LANCHE SAUDÁVEL PARA COMPARTILHAR
- USAR ROUPAS CONFORTÁVEIS
- COLABORAÇÃO SUGERIDA: R\$ 10,00

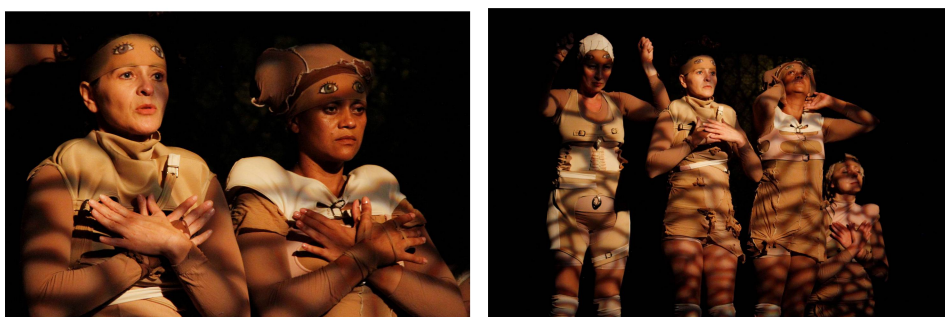
 **CEBB REBOUÇAS**  
AV. MAL. FLORIANO PEIXOTO, 2192

(ESTACIONAMENTO INTERNO)

FIGURA 19- CONVITE ESTRANGEIRAS



FIGURA 20- PEÇA ESTRANGEIRAS



Fonte: Elenize Dezgenisk – 2019

FIGURA 21- BATE-PAPO APÓS ESPETÁCULO ESTRANGEIRAS 1

Fonte: a autora – 2019

## FIGURA 22- BATE-PAPO APÓS ESPETÁCULO ESTRANGEIRAS 2

Fonte: a autora – 2019

Das ações ofertadas, as oficinas foram mais enriquecedoras. Foi bom lembrar o quão importantes e necessárias são as estruturas para se desenvolver um bom trabalho. Mas não devem ser limitantes. Eu que dei aulas em escolas de teatro, escolas tradicionais, salões de igreja, quadra da escola, em salas bem apertadas para muitos alunos, ainda não havia ministrado oficinas em chão batido, ou em espaço semi-aberto com diversas interferências. E aí foi o grande exercício de criatividade e adequação. Veio-me muito o pensamento sobre a força do coletivo, que decide realizar algo e o faz sem pensar nos percalços. Pensei também, quando em algum momento no meu trabalho reclamei das condições.

Nessa perspectiva também me veio uma dor na alma de saber que, é tão pouco o que TODOS têm direito. Pensei em todas as Professoras e Professores sem estrutura nenhuma para desenvolver seus trabalhos. E que não é apenas por um dia como foi no meu caso, mas o ano inteiro. Tenho um primo Professor — um desses loucos — que comprou uma TV e mandou fazer um suporte de couro para carregá-la em cada escola que ministra aula. Sem titubear. E também deixa seus alunos usarem a internet de seu celular, no modo roteador.

Ainda assim, foi fantástico apreciar o interesse e brilho nos olhos dos participantes. O espaço não os incomodava, estavam ávidos por algo. Como seria essa oficina de teatro?... O tempo foi curto para o que eu tinha pra oferecer. Mas o suficiente para trocarmos e compartilharmos histórias e experiências. Percebi também, um perfil diferente nas crianças do campo e as da cidade. Por motivos óbvios, claro. São menos ansiosas, atentas e disponíveis. Sem certa afetação comum aos pequenos mais urbanizados. Os referenciais eram outros. Na roda de

apresentação, dito para dizerem algo que gostavam a fim de nos conhecermos, uma garota falou: “Ah, eu gosto de respirar! Gosto do ar.”

FIGURA 23- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 1



Fonte: Ton Cabano – 2019

FIGURA 24- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 2



Fonte: Ton Cabano – 2019

FIGURA 25- OFICINA DE TEATRO PARA SEM-TERRINHA 3



Fonte: Ton Cabano – 2019

FIGURA 26- OFICINA DE TEATRO NO ACAMPAMENTO LUTZBERG



Fonte: Gustavo Penteado – 2019

### 3.3 VIAGENS COM A ANE

Nas viagens ofertadas pela ANE, pude estar em Heliópolis nas duas vezes, no Sítio Juquitiba, na Ilha da Cotonga, em Antonina no Acampamento do MST – José Lutzenberg e Campo Largo. Ainda que este dia fosse de aula normal, a encaixo nas vivências tão ricas da ANE que chamo de aula de campo. Amyr Klink escreveu,

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou tv. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é, que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver. (KLINK, 2000, não p.)

Eu acrescento que mulheres também. E todos os demais gêneros existentes. A afirmação de Amyr faz jus a minha vivência nas viagens que tive oportunidade de ir. Sobretudo por se tratar de modelos educacionais em questão. A arrogância diminui, dá-se valor ao que tem e retorna-se com mais humildade. Sejamos alunos do mundo.

Por duas vezes em Heliópolis, aproveitando os Seminários, primeiro *Para Organizar a Esperança* e depois *Educação Contra a Barbárie*, foi uma efervescência. Só na ida no ônibus da UFPR é um evento. Todas as INTERs são vivenciadas. Na segunda viagem, em nosso retorno foi super especial a dinâmica proposta por Valentim e Valdo, nos colocando a trocar percepções com quase todos

que estavam na viagem, num rodízio de conversa cronometrado, contando sobre a vivência que havíamos tido. E na “cidade do sol”, sentir sua força como coletivo em prol da educação, com tantas histórias de luta e pessoas comprometidas com a mudança, como Braz Nogueira, Marília, Meire, Cleide, Buiú, Genésia Miranda, entre outros realmente foi inspirador.

Na minha primeira ida, percebi o quanto tinha e tenho pra melhorar no quesito política. Como um ser efetivamente participante de minha época. Dado que, em Heliópolis, ouvi muitas falas coerentes e claras, de pessoas muito engajadas. Com capacidade de articulação no discurso e entendimento de quem era. Qual seu papel social no mundo. No Sítio de Juquitiba já tivemos uma bela aula com Luciano e na roda de conversa. Preparando para o que viria em Heliópolis. É preciso “transitar-se”. Ver a possibilidade de se permitir atuante e mobilizador no mundo.

Se é verdade que com a crise da ordem tradicional a consciência popular alcança transitar-se, isto de modo algum quer significar, segundo o autor deste livro, que possa alcançar de imediato, sem trabalho e esforço, o estado de transitividade crítica. E a consciência transitiva ingênua, esta condição de disponibilidade sem objetivos autônomos claros, é, em verdade, a matéria-prima da manipulação elitária. (FREIRE, 1964)

Nas mesas de debates, propostas pertinentes e necessárias. Estive nas mesas sobre *50 anos da Pedagogia do Oprimido, Memória e Cultura, A Ética para Convivência democrática, Libertária e Libertadora e Inovação na Educação Popular*. Gostaria de ter estado em muitas outras, mas só dava pra fazer duas por Seminário. E em todas que estive as sinapses foram muitas e trouxe um apanhado de anotações.

Ouvi depoimentos de mulheres que estão na EJA há anos, lutando pelos analfabetos. Indo de casa em casa conhecê-los e convidá-los a participar do MOVA. Vi sobre a educação bancária, sobre normatização das qualidades nas famílias e o quanto isso emperra o desenvolvimento dos seres que estão historicamente excluídos. Sobre a contradição na formação da docência, quando esta propõe tudo pronto e formatado, sobre a reprodução da opressão, sobre o projeto educacional não ser pautado no financeiro, sobre encantamento da vida e sobre ver as qualidades do outro. Ver o que o outro tem de melhor, para juntos exercer a cidadania, nas palavras de Iraci Ferreira, (2019) dar brilho àquilo que o outro nem sabe que tem.

Nestas últimas palavras estão evidenciadas a conexão com as cinco sabedorias do Budismo que citei. Claro, essas sabedorias não estão presas, estão

no mundo. Não precisa ser budista pra conhecê-las e muito menos para colocá-las em prática. Mas muito me contenta, sabê-la em outras esferas. É disso que se trata a tradição. Beneficiar os seres.

Para fechar essa primeira maravilhosa viagem, trago a imagem de uma roda gigante lá em Heliópolis, em que estavam pelo menos 100 pessoas. Foi estarrecedor. Alunos da ANE falando de seus projetos e outros tantos estudantes de SP e PR que vieram para o Seminário. Professores e alunos discorrendo sobre o significado da ANE e eu anotei uma frase que não lembro quem falou: ANE: AGLUTINADOR DE FORÇAS EDUCACIONAIS.

FIGURA 27- RODA GIGANTE EM HELIÓPOLIS 2018



Fonte : Samyra Stephan - 2018

FIGURA 28- A NAVE ANE- SETEMBRO 2018



Fonte: Samyra Stephan- 2018

FIGURA 29- SÍTIO JUQUITIBA- SETEMBRO 2018 A



Fonte: Samyra stephan - 2018

FIGURA 30- SÍTIO JUQUITIBA- SETEMBRO 2018 B



Fonte: Samyra Stephan - 2018

Voltar para Heliópolis no contexto que o país está, me fez reviver uma esperança que outrora eu tive. Quando as eleições se aproximavam e com o país dividido, eu ainda não acreditava que o atual presidente da república pudesse se eleger. Na primeira viagem, lembro de perdermos a grande passeata que mobilizou o país gritando #Elenão. Estávamos retornando e acompanhando as fotos e reportagens na estrada... Queixas a parte, agora tinha mais um motivo para participar do Seminário de 2019.

Fortalecer a rede, se conectar e aumentar os conhecimentos e a consciência. Ainda que nem sempre pudesse estar junto da ANE como desejava. Desta vez pude conhecer mais pessoas, me conectar com algumas que conhecia e reencontrar outras. Na pauta, a barbárie dos novos tempos no país, a inovação na educação, a

transformação dos educadores, descolonização dos saberes, machismo, povos originários, novas habilidades para um educador, educador-artista e MecFavela.

As duas mesas de debates que participei, foram proveitosas. *Inovação na Educação*, com Helena Singer e Valentim ficou latente. Como o eixo norteador do Projeto Garoto Cidadão era inovação e tecnologia, pude fazer muitas amarrações do que havia vivido e ainda o que viria pela frente. Falou-se sobre a constante mudança como norma. Que o formato educacional antigo não mais atende as necessidades dos alunos/aprendizes, sobre a retomada dos movimentos históricos, e a importância dos grandes nomes da educação para inovação. E também, sobre construir-se dentro de sua realidade.

Afora os aprendizados oficiais, o Mec Favela como local de encontro com educadores Aneanos e paulistanos é um deleite. Ali as múltiplas vozes, risadas e compartilhamentos se ampliam, numa convergência de valores, idéias, desejos, e desabafos curiosos. Além do reconhecimento da comunidade que ali habita. Neste espaço nos despedimos de Heliópolis e duas frases estão anotadas em caixa alta em meu caderno: “O MEDO É MAIS PERIGOSO DO QUE A CORAGEM”! Do Braz Nogueira e “REVOLUÇÕES NÃO PRECISAM SER SANGUINÁRIAS E TRÁGICAS”. Da Marília Santis.

Essas frases podem até parecer com outras que já existem. Mas fizeram muito sentido pra mim. A primeira pelo tempo em que atravessamos e a outra porque, acredito na transformação silenciosa. Em tempos em que muitos levantam bandeiras esbravejando, — e entendo suas motivações — que reagem muito rapidamente a tudo, que estão militando nas suas causas com “pé no peito”, dá um desconforto não fazer o mesmo. Parece ser obrigatório ser assim pra validar seu posicionamento. Mas não. Podemos seguir na luta sem sangue. Sem violência.

FIGURA 31- SEMINÁRIO HELIÓPOLIS 2019- INTERTERRITORIALIDADES



FONTE: Samyra Stephan – 2019

FIGURA 32- SEMINÁRIO HELIÓPOLIS 2019- EU E CLEIDE DA UNAS. INSPIRAÇÃO



FONTE: Samyra Stephan – 2019

No 13º encontro da ANE em Campo Largo, a palavra que ficou foi ACOLHIMENTO. Um exemplo de parceria comunidade e escola. Os relatos da busca determinada da Elisane e seu projeto de aproximação com a comunidade. Como foi conquistando os pais e alunos quando iniciou sua gestão, foram extremamente importantes. Ouvir e ver como, faz toda a diferença. Seu compromisso com a educação. Seguindo um propósito de se reinventar, juntamente com as outras parceiras de sua cidade foi tocante.

Também em Campo Largo conhecemos outra escola e o tamanho de uma tradição. Um desafio para nossas colegas Professoras e Pedagogas. E por isso mesmo, meu maior respeito ao projeto das envolvidas, *Para Além dos Muros da Escola*, em que estão conseguindo realizar avanços na educação hegemônica. Ali também, me vieram mais reflexões acerca do fazer teatral nas escolas. O quanto precisamos buscar diálogos, entre as áreas dentro da Educação Artística. E seguir no debate sobre a problemática que coloco na introdução deste trabalho.

FIGURA 33- ANEANDO EM CAMPO LARGO



FONTE: Samyra Stephan – 2019

FIGURA 34- RODA EM CAMPO LARGO



Fonte: Samyra Stephan – 2019

FIGURA 35- ANE EM CAMPO LARGO



Fonte: Samyra Stephan – 2019

FIGURA 36- PRESENTES DE CAMPO LARGO

FONTE: a autora – 2019

Na vivência da Cotinga e Acampamento do MST Agroflorestal José Lutzenberg, foi um retorno a terra, ao primitivo. Ao simples elementar e rudimentar

mais precioso. Como não se sentir urbana demais em espaços como esses? Eu que venho do interior e de família de área rural, mais ou menos acostumada com o mato, ainda assim me senti uma estrangeira, sobretudo na Cotinga. Foi enriquecedor conhecer a Escola adaptada aos seus freqüentadores. Ver a organização para o evento. Que mulheres maravilhosas! Fiquei pensando se elas são assim porque trabalham num espaço tão privilegiado, mais próximas da natureza. Ou se já tinham a serenidade desde sempre.

Transitei entre sentimentos de deslumbre e espanto. Nesta vivência da Cotinga saí com muitas reflexões. Chegar naquele espaço sagrado, rico pela natureza e ancestralidades presentes, olhar para aqueles indígenas no seu silêncio e forma de ser me tocaram profundamente... Não que não tenha tido oportunidade de estar com alguns, mas nunca pude estar no território deles, na casa deles.

Incomodou-me o lugar de margem em que eles se encontravam durante nossa estada lá. Exceto pelos pequenos que são pura manifestação de alegria e curiosidade. Atravessei de barco com a mesma alegria e curiosidade dos pequenos indígenas, mas não sei... Por um instante ali, me senti como o estereótipo de todos os filmes e documentários que já vimos e sabemos sobre colonizar o outro.

Eles não estavam conosco. E todos numa grande euforia, querendo algo que nem sabiam deles. Falamos demais! Seus silêncios e percepções são outro. Temos muito que aprender com eles. E também já sabemos disso. Não têm nossas ansiedades, nossas neuroses. Não tentam controlar nada. Nós, ao contrário, estamos sempre tentando controlar algo. Vendo isso me senti esquisita ali naquele lugar. Como se diante disso, tudo era incabível. Seres urbanizados são loucos. Decidi como quem não quer nada só me aproximar dos indígenas. Ao mesmo tempo em que queria dialogar com eles sobre tantas coisas, contive minhas perguntas e já fui obtendo respostas naquele simples momento do lado a lado.

As palavras jamais darão conta de certas experiências. Somos muito discursivos. Trabalho com teatro, minha investigação são as pessoas, e sempre li mais o que está por detrás das palavras. E ali os indígenas estavam o maior tempo em silêncio. Com certa calma, sem ansiedade.

Temos que colocar em prática nossos discursos recheados de boa vontade com os outros. Em nossas vidas particulares, no trabalho. Sair do controle. Que controlemos nossas línguas, nossos lixos, nossos impulsos burgueses de achar que

outros estão fazendo pela gente e não precisamos fazer nada. Controlemos nossos egos, nosso materialismo espiritual, nossas vaidades...

FIGURA 37- ILHA DA COTINGA



Fonte: a autora - 2019

FIGURA 38- INDÍGENAS DA COTINGA



Fonte: a autora – 2019

FIGURA 39- RODA DE MULHERES NA COTINGA

Fonte: Samyra Stephan – 2019

FIGURA 40- ANEANAS NA COTINGA

FONTE: Priscila -2019

No Acampamento do MST em Antonina, mais um grande exemplo da força das mulheres. Mulheres engajadas, mulheres cozinhando, mulheres plantando, mulheres articulando, mulheres plenas de convicções e politizadas. Saí mais forte de lá. E o acolhimento e respeito para conosco de seus anfitriões foi uma aula. Ali também dei uma Oficina de Teatro, conforme relatei acima, que foi muito gratificante e cheia de trocas. Entre alunos graduandos da UFPR e as crianças do MST. Que bela intergeracionalidade. Jovens influenciando crianças e crianças influenciando jovens nos jogos teatrais. Ambos ampliando seus referenciais.

FIGURA 41- ENTRE AS MULHERES DO MST



FONTE: a autora -2019

FIGURA 42- POEMA E MÍTICA NO MST



FONTE: a autora -2019

### 3.4 IV CONANE CAIÇARA

O que dizer desse evento? Estar participando e envolvida com uma “balbúrdia” dessas, no final do ano, em que todos os fechamentos acontecem, cuidando da apresentação do próprio trabalho e articulando ações junto ao coletivo do mesmo eixo, foi uma loucura. A cada dia um novo aprendizado. Ver os resultados de projetos que estivemos acompanhando durante o curso, a organização, as mobilizações, os convidados fantásticos que abrilhantaram o evento. As peças de teatro, as apresentações, a ocupação do espaço, a solidariedade dos envolvidos, os laços se estreitando... Foi uma explosão.



Confesso que precisei de uma semana pra assimilar tudo. Meu eixo, como não poderia deixar de ser, foi arte e resistência. Junto com meus “compas” também do Teatro: Breno, Daiane Araripe e Paulo Ricardo. Preparamos a abertura, com texto, vídeo e ainda propomos uma mesa de debate sobre arte e resistência, com temas pertinentes ao assunto. Também teve como proposta, a realização de uma performance referente ao meu projeto e toda a minha vivência na ANE, além das apresentações dos espetáculos de meus companheiros de eixo.

Infelizmente não foi possível a realização da mesa de debate. Por problemas de ajustes na programação. Tínhamos vários tópicos para buscar um diálogo com os (as) colegas Professores (as) da ANE e ainda para quem mais quisesse participar. Sendo todos os companheiros do Teatro, delimitamos os seguintes pontos:

- Arte e educação: Convergências entre o Litoral e Curitiba. Desenvolvimento e desafios;
- Formação artística;
- Arte como promoção da cidadania;
- Formação de platéia;
- Papel do Teatro nas Escolas;
- Arte e resistência

Sobre meu trabalho, quis sintetizar tudo que vivi e compreendi durante todo o curso de forma teatral. Pra mim, a maneira mais adequada se tratando de uma mulher/profissional do teatro. Mas foi um parto. A criação artística requer silêncio, observação, calma e elaboração. E tempo foi uma coisa difícil ao final do ano. Tinha claro o que pretendia, mas a forma e execução careciam de mais uns dias para maturar e conceber elementos de cena. Somaram-se a isso, as incertezas quanto ao espaço e momento exato dentro do evento.

De qualquer maneira, com apoio de amigos (as) e companheiros (as) minha performance, *Caritas Sapient* nasceu e aconteceu na CONANE. Não exatamente como deveria ser infelizmente, dado alguns motivos de ordem técnica de última hora. Mas isso não diminuiu minha alegria e contentamento de estar ali. Construindo o evento colaborativamente e meu trabalho era parte do todo. Como muito bem escreveu meu companheiro Paulo (2019), no final ficamos somente com as flores.

FIGURA 43- ABERTURA DA IV CONANE CAIÇARA A



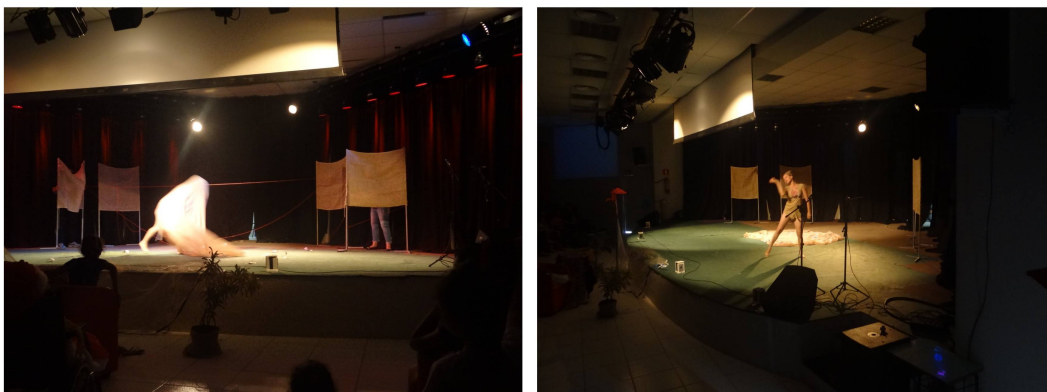
FONTE : Samyra Stephan – 2019

FIGURA 44- ABERTURA DA IV CONANE CAIÇARA B



FONTE : Samyra Stephan– 2019

FIGURA 45- PERFORMANCE: CARITAS SAPIENTIS NA CONANE



FONTE : Samyra Stephan– 2019

FIGURA 46- DIVERSIDADE E MULTIPLICIDADE NA IV CONANE CAIÇARA



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar esse relato em que, escrevendo revivi todo o processo dentro desta pós-graduação, penso a quão privilegiada eu sou. Que fantástico não se sentir sozinha no mundo. Saber que tantos estão indo e olhando na mesma direção que você é realmente um alento. Por outro lado, vale aproveitar as experiências vividas e compartilhar para tornar ainda melhor o que já é bom.

Percebo o quanto essa forma de iniciativa educacional de “desformação” é necessária e importante. Desconstruir padrões de pensamento é uma tarefa que demanda muita força e resistência para seguir no propósito. E é claro, não transformamos ninguém, o trabalho vem mais de dentro pra fora do que de fora pra dentro. Se estivermos abertos, serão muitas camadas de “descortinamentos”.

Por hora, chego à conclusão do quanto preciso continuar estudando, lendo e conhecendo esses autores que me foram apresentados. Me senti amparada, tendo o respaldo desses tantos escritores que dialogam com meus valores de vida mais profundos. Alguns já tinha tido contato, mas através da ANE tudo ganhou um sentido amplo, outra dimensão. Aqui finalizo uma etapa, mas inicia-se outra com muitas indagações e desejo de mudança. Que minhas palavras possam ser mais ação.

Na minha investigação convergindo teatro, educação, sabedoria búdica e transformação, há muito campo para trilhar. A potência teatral é indubitável. Mas seu processo dentro do sistema educacional carece de esclarecimentos. O poder público não demonstra interesse no aperfeiçoamento de Professores, mas espera que seus Professores dêem conta de toda a necessidade artística dentro do espaço escolar. Nessa perspectiva, uma idéia de projeto nasce, enquanto esta pós-graduação termina. Um projeto criterioso, calculado e estudado para tratar desta lacuna na esfera pública. Um projeto embrião que vai ter que pesquisar um pouco mais para propor junto ao poder público e outras instâncias suas proposições.

Em relação ao meu projeto existente, pretendo melhorar e ampliar sua aplicação. Junto com pessoas que estão pensando a arte como transformação. Penso também em poder orientar pessoas com esse interesse, falando do meu trabalho. Pois aprendi que a boa vontade está em toda parte, mas há que se ter um mínimo de qualificação para realmente conseguir mudar algo e não negar à arte um patamar mais alto. Pois a partir dessa valorização já estaremos melhorando muitas visões de mundo.

Quero deixar claro aqui, que conforme está subentendido nessa pequena narrativa, que tenho muita vontade e inquietação para me mobilizar no sentido da transformação de um mundo melhor. Mas, tenho cada vez mais ciências do quanto eu mesma preciso me esvaziar, acalmar e jamais ir com arrogância nesse humilde desejo. Dado que, há todo um cabedal de relações intrincadas de mim para com o mundo e o mundo para comigo. E, só de concluir isso, acalma o coração para seguir em paz. As experiências vividas no último um ano e meio, na ANE ampliaram e me trouxeram muito conforto em relação a isso.

Não o conforto paralisado. Mas com calma e tranqüilidade. E ainda, por mais que tudo que vivi tenha surtido efeitos profundamente terapêuticos em mim, não encaro como uma grande terapia, mas como um desnudar-se. Que por sua vez, pode transformar as coisas. E isso corrobora minha intenção dentro do meu projeto de transitar pelo mundo interno e autoconhecimento. Eu vivi o que defendo, a importância de se olhar, de nos fortalecermos internamente. E assim conhecermos e compreendermos o humano.

É preciso ensinar a compreensão humana, porque é um mal do qual todos sofrem em graus diferentes. Começa na família, onde filhos não são compreendidos pelos pais e os pais não entendem seus filhos. Pode continuar na escola, com os professores e os colegas. Continua na vida do trabalho, no amor e acho que temos que ensinar também a enfrentar as incertezas. Porque em todo destino humano há uma incerteza desde o nascimento. (MORIN, 2015, não p.)

Portanto, encerro esse trabalho com as falas que usamos na abertura da IV CONANE CAIÇARA:

— *“Evocamos agora Paulo Freire, para nos abençoar em mais essa balburdia. Por muitas interfaces, interculturalidades, interterritorialidades, interexperencialidades e todas as INTERS possíveis. BOM ENCONTRO!”*

E aqui eu troco, BOA CAMINHADA A TODOS NÓS!

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido** - E outras poéticas. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRANDÃO, Carlos R. **Paulo Freire, educar para transformar**. São Paulo: Mercado Cultura, 2005.

COHEN, Renato. **Work in progress na cena contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf) Acesso em : 09, 10 e 11/01/2020.

KLINK, Amyr. **Mar Sem Fim**. 2ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

KOUDELA, Ingrid. D. **Jogos Teatrais**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LEITE, Iraci F. **50 anos da Pedagogia do Oprimido: MOVA e EJA alimentando a Esperança pelo direito Humano à Educação**. In: VIII Seminário Heliópolis Bairro Educador, 2018, São Paulo.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 3 ed. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2002 Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/maturana-o-que-c3a9-educar.pdf>.

MORIN, Edgar. **É preciso ensinar a Compreensão Humana**. São Paulo- Revista eletrônica Fronteiras do Pensamento, 05/03/2015. Disponível em <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana> Acesso em 20/12/2019.

NOGUEIRA, Braz. **A Ética para Convivência Democrática, Libertária e Libertadora**. In: IX Seminário Heliópolis Bairro Educador, 2019, São Paulo

PACHECO, José. **Aprender em Comunidade**. São Paulo: SM, 2014.

PUPPO, Maria L. **Teatro e Educação Formal**. Em Teatro na Escola: Experiências e Olhares. pg. 10. Organizador, Glauber Coradesqui. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

ROSSETO, Robson. **Interfaces entre cena teatral e pedagogia- A percepção sensorial na formação do espectador-artista-professor**. Jundiaí – SP: Paco, 2018.

SAMTEN, Lama P. **Meditando a Vida**. 1 ed. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SANTIS, Marília. . **A Ética para Convivência Democrática, Libertária e Libertadora**. In: IX Seminário Heliópolis Bairro Educador, 2019, São Paulo.

SENA, Carol. **Educação e Reencantamento da Vida**. As Cinco Sabedorias na Educação. Porto Alegre, 2019.

SPOLIN, Viola. **Improvisação Para o Teatro**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.